

reflexões sobre

ARTEvisual

v. 2 n. 9 maio 2021



O Simbólico e o Plástico.

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Edição:

v.2 n.9 maio 2021

Periodicidade: quinzenal

Capa: Picasso, Pombo da Paz.

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

Diante de uma Obra de Arte Visual é comum procurar entendê-la. Muitas delas mostram imagens e figuras que podem descrever situações, circunstâncias e eventos. Contudo, nem sempre e nem todas obras são assim, principalmente depois do Modernismo. Mas é sempre a partir de sua configuração visual que se tem acesso aos seus sentidos e significação, mesmo que isto não seja tão explícito. Portanto, para compreendê-las, é necessário acessar seus níveis de significação.

Estes *níveis* são as possíveis abordagens para apreender o que as Obras de Arte dizem. Há várias maneiras de fazer isto, entre elas duas podem ser destacadas: a Simbólica e a Plástica. A abordagem Simbólica se refere aos aspectos visuais consagrados e consignados na cultura como um repertório coletivo. A abordagem Plástica, se refere à busca de sentidos a partir de sua estrutura formal. No entanto tudo depende de com a Obra foi realizada e se a escolha da abordagem é adequada para cada tipo de leitura.

É necessário entender que nem todas as obras admitem o mesmo tipo de abordagem. Algumas são melhor entendidas e reveladas por meio de uma análise Simbólica e outras por meio de uma análise Plástica e outras, podem comportar as duas ou mais. É comum achar que todas as obras comportam abordagens Simbólicas na medida em que, por ser uma atividade humana, é preñe de simbolismo, contudo não se pode tomar isto como uma constante, mas sim uma variável.

O mais importante é fazer a escolha que melhor revele os sentidos de uma Obra de Arte no momento de sua abordagem. Tudo depende da escolha teórica feita para a análise uma obra no intuito de obter seu sentido. Nem sempre o que a motivou uma dada obra num dado momento histórico permanece para sempre, tampouco quem as criou ou para quem ou por quê foram realizadas permanece imutável e perene, portanto destinadores e destinatários mudam, como também os métodos de abordagem.

Abordagem Simbólica. Para falar sobre ela é necessário falar um pouco de *Símbolo* e *Simbolismo*. A palavra Símbolo é de origem grega: *symbolon* (σύμβολον) e se refere à transposição de algo do mundo natural, dito concreto, para o mundo da cultura por meio de conceitos, figuras e representações imagéticas analógicas, convencionadas e/ou abstratas. Um Símbolo pode ser manifesto por meio de ideias e figurações diversas, sejam orais, escritas ou visuais. Um Símbolo presente numa cultura pode ser representado de várias formas.

Deve-se ressaltar que a ideia de Símbolo está presente nas várias culturas e manifestações humanas. Ao longo do tempo vários campos de estudo se dedicam a eles e às Simbologias deles decorrentes. Os mais comuns são os da filosofia, sociologia, psicologia, psiquiatria, semiótica discursiva, social ou filosófica e as teorias de estudos da mídia de informação a partir da Escola de Frankfurt. Como se vê, os Símbolos importam a muita gente.

No campo da Arte Visual a questão dos Símbolos e da Simbologia é tratado com mais apreço pela *Iconologia* e pela *Iconografia*.

Portanto, para abordar a questão do Simbólico é necessário estabelecer o objeto de interesse da análise e o campo de estudo por meio do qual se quer olhar para um determinado tipo de manifestação humana: artística, religiosa, ideológica, folclórica, popular ou midiática etc.

Depois desta escolha: mãos à obra...

Não se usa um microscópio para estudar os astros, tampouco um telescópio para estudar micróbios.

Instrumentos, ferramentas, estratégias e teorias são meios para obtenção de dados, informação e conhecimento, o principal ponto é que cada manifestação exige um tipo de abordagem. Não há meios ou instrumentos genéricos para estudar todas as coisas ao mesmo tempo e obter os mesmos resultados. Assim, é necessário definir qual teoria deve ser adotada para cada caso.

As diferentes teorias usadas para abordar as manifestações artísticas possibilitam o uso de vários recursos de abordagem. Neste sentido, é possível recorrer a diferentes campos de análise, sem que tenham necessariamente nada a ver com a criação artística em si. Quero dizer que um teórico da mídia, da psicologia, da psiquiatria, da comunicação, da filosofia, da sociologia, da antropologia, da semiótica entres outras tantas possibilidades pode olhar para a Arte sem conhecê-la em profundidade.

Isto não quer dizer que se pode “atirar para todo lado”, é necessário definir a abordagem usada numa ou noutra análise, estudo e/ou pesquisa, para isto é que servem as teorias.

Aqui pode-se recorrer ao escritor espanhol Estebanez Calderón cuja fala tem um viés antropológico: *“O símbolo evoca uma realidade que transcende o objeto simbolizante e encerra um sentido oculto e misterioso que apela ao fundo irracional do inconsciente, do sentimento e da emoção”*.

Portanto, a ideia de Simbólico pode ser entendida de vários modos como algo: alegórico, metafórico, místico, emblemático, hipotético, suposto, ascético, espiritual, misterioso e de outras tantas maneiras que um dado grupo humano convencionou, acordou ou definiu como modo de explicar, representar ou entender certos fenômenos ou condições e usar estratégias discursivas das mais diversas para mostrar isto. No entanto, no campo da Arte isto deve ser feito com parcimônia.

O Simbólico não se refere a normas rígidas, racionais ou lógicas, mas está muito mais próximo das crenças, valores e convicções de uma cultura. Portanto é necessário delimitar se a abordagem se refere à psicologia, a antropologia, semiótica, mídia, se olha para o Simbolismo da Antiguidade, do Medievo, do Renascimento ou do século XIX. Ou ainda às configurações imagéticas decorrentes do contexto da Arte atual sem esquecer que simbologias explicam ou representam valores e crenças de um povo, nação ou religião é um componente coletivo e não pessoal.

As mitologias Grega, Romana, Egípcia, Indígenas e tantas outras são os modos usados para explicar sua origem ou justificar suas ações e valores quando não tinham dados concretos. Os Símbolos são usados para fazer referência a isto e/ou para indicar a presença ou pertencimento a uma ou outra corrente, ideologia ou pensamento. A bandeira de um país, a logomarca de uma empresa ou a cruz cristã são manifestações simbólicas figurais que representam presença, crenças e valores convencionados.

Os seres humanos se valem de símbolos para criar e manter sua unidade cultural e social. Todos os povos e nações usam esta estratégia para consolidar seus interesses e valores. No contexto da Arte Visual os Símbolos aparecem de várias maneiras: como imagens, figuras, textos, intervenções, edificações e criações.

Em alguns momentos da História da Arte o uso intenso de Símbolos foi o meio de estabelecer a hegemonia entre os artistas, o seu público ou poder dominante.

A Iconologia é toda como campo preferencial para os estudos sobre o Simbólico no contexto da Arte Visual. O Método Iconológico se baseia nos estudos iniciais de Abby Warburg, continuados por Erwin Panofsky e Pierre Francastel, cujos estudos focam a Imagem e a Imaginação artística. Imaginação é diferente da observação e representação tão habitual à *iconografia* que é um processo de análise dos procedimentos constitutivos das imagens, independente de suas motivações conceituais, culturais ou ideológicas.

Imaginar (como processo de produzir imagens) não se faz apenas a partir do que se vê, mas também do que se imagina, inventa ou cria. A imaginação é muito diferente da imitação e reprodução iconográfica justamente por admitir a existência e impulsos individuais e coletivos que podem ser compartilhados através da constituição das imagens. Portanto o *Objeto de Estudo da Iconologia* é o *Simbólico* e não necessariamente o símbolo ou signo que são apenas sua manifestação superficial.

Portanto, o Simbólico na Arte Visual não se refere a toda e qualquer manifestação, mas sim àquelas delimitadas neste campo de realização e interesse. Um valor simbólico tende a ser entendido só num dado contexto cultural e não em qualquer contexto, portanto, tais valores não são permutáveis: Ganesha e N. Sa. Aparecida são divindades religiosas, mas uma não pode substituir a outra. Ganesha pertence ao hinduísmo e N. Sa. Aparecida ao catolicismo. Portanto cada uma tem valor próprio e localizado e não genérico.

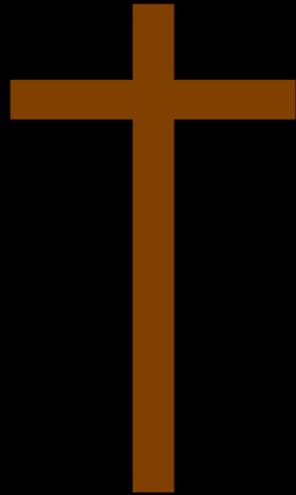


Por exemplo, a imagem do pombo é recorrente em várias culturas. No antigo testamento Noé, solta um pombo da Arca e ele retorna com um ramo de oliveira, indicando que já havia terra para aportar, um símbolo de esperança.

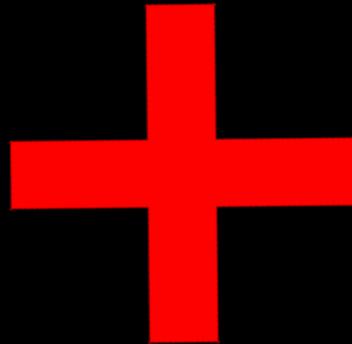
Na cultura judaica o pombo é tido como mensageiro da paz e na cristã passa a ser representação espírito santo, a terceira unidade da trindade. Em 1958 foi adotado como símbolo da paz. Picasso recorre a ele como símbolo e o reedita com o ramo de oliveira. Isto serve para explicar a função simbólica que algumas imagens têm, pois tal função é construída no contexto cultural na qual são elaboradas, intuídas ou criadas. Por isto, nem sempre uma imagem qualquer é simbólica, depende do contexto.

O contexto não é simplesmente o lugar onde está, mas sim o conjunto de crenças que atribuem a ela um valor ou função simbólica. Outro exemplo corriqueiro é a cruz latina, a que Cristo foi martirizado. Num primeiro momento foi a memória de um instrumento de tortura e morte, um Crucifixo, o Cristo fixado na cruz. Esta imagem se tornou uma referência da devoção cristã, mais tarde, a figura da cruz latina, em si, é entendida como símbolo cristão. Contudo, não há só um tipo de cruz.

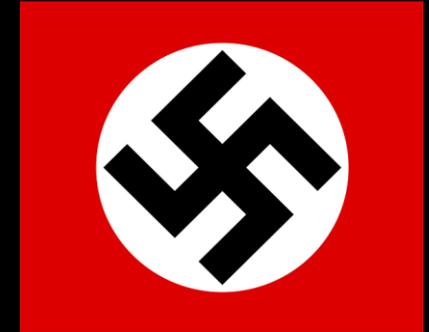
Há várias delas designando diferentes sentidos:



A Cruz Latina representa hoje a cristandade



A Cruz vermelha, criada em 1863, por Henri Dunant, representa ajuda humanitária. Usada atualmente no contexto da saúde.



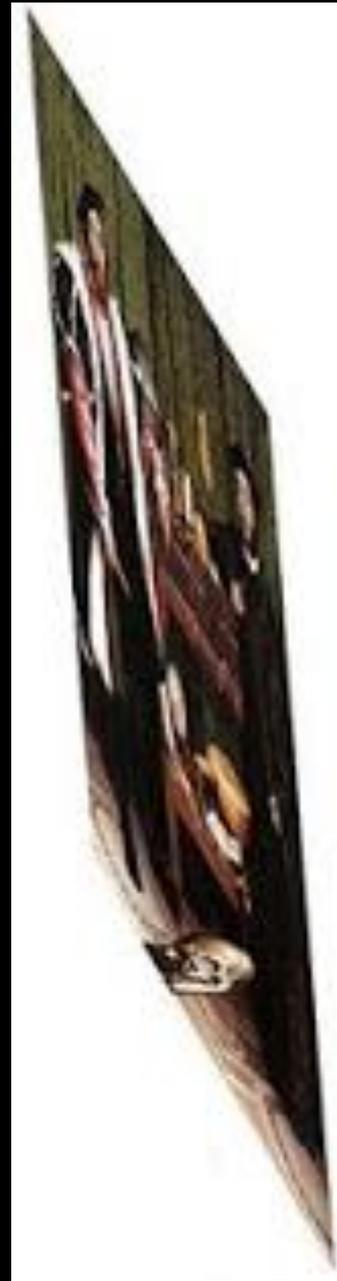
A cruz gamada ou *svastika*, aparece em muitas civilizações e como símbolo de bem-estar e boa sorte no Budismo. Em 1920 foi adotada como símbolo do Partido Socialista Alemão, a partir daí foi associada ao nazismo e aos atos neonazistas e condutas radicais de partidários destas tendências.



A pintura de Hans Holbein: Os embaixadores, 1533. Serve de exemplo para observarmos algumas questões entendidas como simbólicas.

A obra foi realizada como uma homenagem a dois jovens: Jean de Dinteville, à esquerda, embaixador da França na Inglaterra e à direita, Georges de Selve, embaixador da república de Veneza junto ao Vaticano. Ambos demonstram, pela sofisticação de seus trajes, poder e riqueza. A pintura mostra também sua erudição e conhecimento por meio da presença de livros, objetos e instrumentos como o globo celestial, um relógio de sol portátil e vários outros instrumentos usados para compreender os céus e medir o tempo.

Entre tais objetos um alaúde e uma caixa de flautas o que demonstra o apreço pela arte, um livro de hinos revela o apreço pela religião, um livro de aritmética e um globo terrestre o conhecimento. Em primeiro plano, há a imagem em distorção anamórfica que mostra uma caveira. Em geral, a presença da caveira é um símbolo de mortalidade, lembrando ao ser humano sua curta passagem pelo mundo. Esta imagem é curiosa pois, só pode ser vista corretamente de um determinado ponto de vista causando um certo espanto ao observador.



A partir do ponto de vista correto, não há dúvida de que se trata de um crânio, contudo não se sabe a razão que levou o artista a fazer isto deste modo. Quem sabe tenha sido apenas uma maneira de demonstrar suas habilidades técnicas e causar estranhamento a quem observa a imagem.





Outra obra que pode auxiliar a descoberta de elementos Simbólicos é Vanitas, 1661, de Pieter Claesz. Ernest Gombrich classifica tais referências simbólicas como “metáforas visuais”, pois são meios que a Arte Visual tem de estabelecer relações com seus destinatários por meio de “citações” ou referências passíveis de reconhecimento.

A pintura mostra uma caveira, como já foi dito, uma referência à transitoriedade da vida; um copo entornado se refere ao esvaziamento da vida; o relógio a passagem do tempo; a noz aberta se refere à descoberta de valores; a pena se refere a justiça; o candelabro o portador da luz; o livro cultura e a religião. Estas são referências simbólicas encontradas na obra, cujos sentidos podem ser também conferidos no Dicionário de Símbolos de Hans Biedermann.



A liberdade guiando o povo, 1830, de Eugene Delacroix, é uma *Alegoria*, ou seja, imagens que mostram e/ou enaltecem virtudes, acontecimentos, poderes, aspectos e características míticas, místicas ou sobrenaturais.

A figura central é uma mulher que, no calor da batalha e sobre os cadáveres, empunha uma bandeira da França acima de sua cabeça e à frente conclamando as pessoas a irem adiante e continuarem na luta.

É comum achar que esta obra se refere à Revolução Francesa (1789-99), mas não. Delacroix a realizou em referência à revolução de 1830, que resultou na queda do reinado de Carlos X e a retomada da República. Portanto é uma abordagem alegórica em referencia a este evento.



A Fonte, 1917, Marcel Duchamp. Esta é a única foto da obra “original”. Tomada por Alfred Stieglitz, entre as recusadas do Salão dos Independentes em NY de 1917. A obra, um “ready made” ou apropriação, se tornou um “símbolo” da irreverência artística Moderna.

Note-se que usei aqui a palavra “símbolo”, fora de contexto, para significar algo que se tornou uma marca ou referência de uma atitude artística diante da tradição. O futebol é tido um símbolo do esporte nacional, como o samba um símbolo da música nacional, nem sempre a palavra símbolo corresponde à sua acepção técnica ou linguística original, portanto se torna uma “*figura de linguagem*” e, como tal, é aplicada indistintamente a qualquer coisa recorrente num dado contexto ou situação.

As representações simbólicas construídas pela humanidade são modos artificiais de apreender e conhecer o mundo, como considera Ernest Cassirer ao chamar o ser humano de “animal simbólico”, neste caso tudo o que a humanidade criou no contexto da cultura é simbólico, ou seja, contrário à natureza, portanto, nada resta senão os símbolos. No entanto a Arte Visual pode ser, sob o ponto de vista Cassireriano, uma manifestação simbólica como todas as outras, mas ela tem suas próprias singularidades.

Em Arte Visual são as imagens que “falam”, embora não falem tudo pois, como se viu, podem se apoiar em temas, valores e fatores externos à ela. Um simples título é capaz de direcionar a leitura e conduzir o olhar e a interpretação. Basta lembrar “*A liberdade guiando o povo*”, o próprio título corrobora o que se quer da imagem. As representações mitológicas, religiosas, históricas e populares podem definir, de antemão, o que esperar de uma obra. Contudo, não é fácil apreender os sentidos quando as imagens são Abstratas.

Chamar uma imagem de Abstrata significa que ela não possui ou não revela uma figura, ou seja, não é Figurativa nem se preocupa em mostrar qualquer referência que remeta ao mundo natural como ele parece. As imagens da Arte Visual, até fins do século XIX estavam confinadas à representação das figuras do mundo. Com o advento do Modernismo foram deixando de lado o mundo natural e se dedicando cada vez mais ao mundo da invenção, artificial e criativo, mas ainda recorriam aos meios criativos do passado.

Toda imagem é constituída por substâncias *Plásticas* que lhe dão forma, aparência e sentido. Isto se refere originariamente às obras nas quais é possível manipular materiais, instrumentos e ferramentas para sua configuração. O termo Artes Plásticas é justamente o campo de manifestações artísticas no qual é possível interferir no material e substâncias expressivas para a realização das imagens. Atualmente se diz Artes Visuais, comportando outros modos de produzir imagens: óticos, digitais e ambientais.

O Plástico.

Plástico vem do grego *plastikós* que, originariamente, se referia à propriedade da argila de aceitar e manter as manipulações impostas a ela. Esta propriedade passou a ser a base do conceito de Arte Plástica ou Artes Plásticas como se diz.

Arte Plástica se refere exatamente a isto: à possibilidade de interferir, transformar, alterar, modificar, impor, compor, organizar os materiais para gerar sentido e isto tem história.

A ideia de Plástica se diferencia do conceito de Belas Artes no que diz respeito à experimentação e manipulação de materiais para produção de Efeitos de Sentido, em oposição à tradição clássica descritiva que se propunha a representar cenas, epopeias, alegorias, mitos, heróis, monarcas e religiosos como temas e/ou narrativas por meio da habilidade dos artistas em figurar imagens do mundo natural e aplicar os materiais na criação de tais imagens, mas não explorando-os por suas características e materialidade.

Configurar é dar forma e consequentemente, sentido. A partir da Forma pode-se acessar o Conteúdo. Forma é a manifestação sensível de uma Obra de Arte, seu Significante e Conteúdo sua essência, seu Significado. No caso das obras visuais, admite-se que Forma se refere às qualidades plásticas, “substâncias de expressão” como figuras, cores, texturas, dimensão entre outras, sejam ou não figurativas. Conteúdos estão relacionados às qualidades aos arranjos, organização das formas, temas e assuntos revelados.

Uma configuração visual implica na aparência e nos modos como as formas são constituídas e/ou organizadas. Podem se referir a temas, assuntos ou a plasticidade obtida de gestos, materiais, instrumentos, organização e outras *Estratégias de Criação* às quais se recorre para significar. Portanto, Forma e Conteúdo dependem de diferentes aspectos, figurais ou não, narrativos, descritivos ou da simples distribuição de substâncias na superfície, área e/ou ambiente na qual ou da qual a obra é constituída.

Pode-se dizer que toda Obra de Arte Visual tem características Plásticas, no entanto, nem sempre possui características Simbólicas no sentido lato da palavra.

O uso da plasticidade a partir dos materiais, instrumentos, domínios e habilidades para criar imagens significativas não depende apenas de descrições ou narrativas, mas também do potencial expressivo dos próprios materiais, de suas qualidades sensíveis, da manipulação e da proposição estabelecida para definir que tipo de manifestação se quer obter.

A partir do Modernismo as possibilidades experimentais decorrentes dos materiais, dos instrumentos e proposições artísticas passaram a ser também recursos e objetivos (finalidades) da criação e não apenas os temas e assuntos que determinavam a visão tradicional da Arte Visual. Hoje em dia o investimento em potenciais criativos ampliaram sobremaneira estes potenciais ao ponto de poucos artistas recorrerem às narrativas, descrições ou citações.

Isto não quer dizer que “nenhum” artista recorra à proposições que simbolizem ou correspondam a um contexto metafórico na produção de suas obras, significa apenas que este não é o recurso habitual ou convencional na Arte Contemporânea. Destaco que as condutas experimentais e propositivas são as que mais motivam a produção atual. Isto decorre da postura Modernista e Pós-Modernista nas quais tais aspectos ou “qualidades” constitutivas ou estruturais são evidenciadas e valorizadas.



Em *Law of the Journey*, o artista chinês Ai WeiWei, remete à crise dos refugiados ao mostrar um barco inflável repletos de figuras que simulam seres humanos. Pode-se dizer que esta obra simboliza a violência decorrente das guerras e conflitos territoriais no mundo todo, mas se refere explicitamente a esta situação, numa citação direta e não apenas simbolizando-a indiretamente.

Voltando à Abstração, ela se coloca como um recurso não figural, mas não deixa de lidar com os aspectos formais das construções plásticas.

Formas, formatos, cores, texturas, direções e densidades estão presentes nestas obras como estão presentes em muitas obras desde as primeiras realizadas pela humanidade. Basta lembrar uma das imagens das pinturas de Willian Turner, de 1842, “Vapor numa tempestade”, na qual as cores, gestos, formas e texturas se sobrepõem ao tema.



Os valores plásticos, expressivos ou formais passam a ser os principais elementos de sentido. A significação, no caso, não é a visão literal do vapor sob a tempestade, mas a força da natureza mostrada pela gestualidade da pintura.

Com isto é possível verificar que a plasticidade também é capaz de significar.

Wassily Kandinsky, em seu livro *Do espiritual na Arte*, de 1911, reivindica a possibilidade de considerar que as formas têm a capacidade de manipular os sentidos e sentimentos, neste caso, abstrair ou simplificar não seria um modo de escamotear o visível, mas sim de construir uma nova visibilidade em que a estrutura, a materialidade das substâncias plásticas, também seriam geradoras de sentido.



Em *Estudo para composição VII*, de 1913, Kandinsky ensaia formas, cores, textura, espaço, movimento como meios de promover sentidos e significação. Pode-se comparar o efeito cromático, luminoso e dos movimentos com a obra de Delacroix, *A liberdade guiando o povo*, a dinâmica das duas são parecidas, embora uma seja abstrata e outra figurativa.

Neste caso obras não figurais como as Abstratas, do Expressionismo Abstrato e Informais são modos que surgiram durante o século XX e se tornaram meios de expressão artística reconhecidos na contemporaneidade.

A gestualidade manifesta por Jackson Pollock foi batizada de Action Painting pelo crítico Harold Rosenberg em seu ensaio *The American Action Painters*, de 1952, justificando o surgimento das correntes gestuais da pintura Americana.



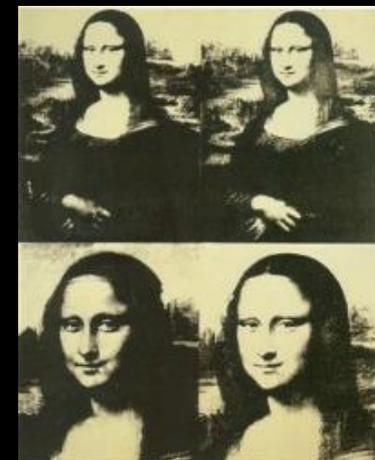
A obra de Pollock, *Convergence*, de 1952, revela a gestualidade provocada ao projetar, atirar, gotejar a tinta sobre a superfície. É uma performance corporal que gera a pintura e não uma pintura realizada pelo modo convencional de aplicar a tinta sobre a superfície com um pincel.



Levando adiante a questão do corpo como performador da pintura pode-se recorrer à Performance de Janini Antonini, *Loving Care*, de 1999, na qual ela própria é o pincel para realização de pinturas gestuais.

Constata-se que as manifestações artísticas migram da figuratividade e da narratividade convencionais para proposições, performances, instalações e outros modos de existir que não contemplam mais os modos de dizer da Arte tradicional. Portanto, os aspectos simbólicos que poderiam residir nas interpretações descritivas de outrora, nem sempre são encontrados ou percebidos facilmente na contemporaneidade. A cultura mudou e a Arte também mudou.

Pode-se recorrer ao contexto da Art Pop e dizer que suas manifestações simbolizavam o mundo do consumo, da industrialização e a comunicação de massa. Tudo isto é possível, dadas as temáticas recorrentes destes artistas. O mais emblemático deles é Andy Warhol e suas obras dialogam com a comunicação de massa e o consumismo. As latas de sopa, a figura de Marilyn Monroe ou a da Mona Lisa representam o contexto midiático e da industrial cultural no qual o mundo se insere naquele momento.



Contudo não é de se considerar que tais obras sejam “simbólicas”, mas metáforas visuais, como disse Gombrich, que recorrem e criticam o contexto social.

Enfim, o Simbólico tem um certo grau de subliminaridade que só o Plástico não possui. Há sempre um apelo ao que está fora do mundo natural, do que se aceita como realidade, concreta e palpável. O simbólico é um recurso que dialoga com aspectos subjetivos. Mesmo quando as obras reproduzem os mitos e a religiosidade, não deixam de conter elementos da subjetividade humana, ao passo que o Plástico se refere às próprias obras, seus processos, procedimentos e às suas estruturas significantes e a nada fora delas.

Deste modo o Plástico se realiza objetivamente e, mesmo que em alguns momentos possa ser tomado como algo hermético, não o é por sua conta, mas sim por dificuldades de leitura de quem observa e não de quem cria as obras.

Não há como separar o Simbólico do Plástico, mas há como conduzir a leitura por um ou outro caminho.

Com estas reflexões espero ter contribuído um pouco mais com a apreciação da Arte Visual.